

END. TELEGRAFICO: IMPRENSOF
João Pessoa — Paraíba

"LIBERDADE, LIBERDADE":

OPINIÕES SOBRE O TEXTO

Pedir liberdade é coisa muito séria... Ainda mais quando o pedido vem em forma teatral. Assim Millôr Fernandes e Flávio Rangel uniram-se, escolheram textos, fizeram roteiro para um espetáculo, leram as tentas e cinco livros, além dos três ou quatro que já tinham lido antes, e os resultados todos podem ver, sentir e aplaudir, hoje à noite, no Teatro Santa Rosa: "Liberdade, Liberdade". Terça Rachel, Luis Maranhão, Carlos Miranda e Paulo Autran (conduzindo o espetáculo) são os porta-vozes da liberdade pregada por Millôr e Rangel e desejada por todos os brasileiros (atualmente estupefatos com a agressividade ditatorial da nova Lei de Imprensa e também nova Constituição). Millôr e Rangel fizeram uma fusão genial de textos, etc. e tal, onde entram: Jesus Cristo, Manuel Bandeira, William Shakespeare, Noel Rosa, Dorival Caymmi, Vinícius de Moraes, Bertolt Brecht (não poderia faltar), Abraham Lincoln, Nat "King" Cole, Cassio Alves, Millôr Fernandes (não é cabotismo!), Carlos Drummond de Andrade, Winston Churchill, Yuri Gagarin e muitos e muitos outros. Além de... (com licença para as citações): Generalissimo Francisco Franco, Luis XIV, XV e XVI.

Meditem bem sobre o título: "Liberdade, Liberdade". Liberdade... Lembra-nos um filme francês quando um garoto diz: "Papai, qu'est ce que la liberté?" Cédlis Mérelles: "papa, que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda".

O espetáculo de hoje se traduz em teatro, protesto. Protesto contra ditadura. Protesto contra opressões civis ou militares. E a juventude parabitina está hoje protestando, aplaudindo, agradecendo ao Grupo Opinião um espetáculo atual e participante (em P. matucoso).

Segundo está escrito no próprio texto editado pela Civilização Brasileira: — "A última palavra é a do poeta; a última palavra é a que fica. A última palavra de Hamlet: — o resto é silêncio. A última palavra de Júlio César: — até tu, Brutus? A última palavra de Jesus Cristo: — meu pai, meu pai, por que me abandonaste? (...) E a última palavra de Prometeu: — resisto! (E juntamente com aquilo que a extrema presunção dos autores espera seja uma em, tustimada, de repente, ensurdecedora ovação, o coro canta os versos de "Liberdade, Liberdade"). — (Carlos Antônio ARANHA)

— O O O —

A liberdade é um tema por demais usado pelos autores teatrais. Nem sempre o uso desse tema dá ao espetáculo teatral o valor mínimo de que necessita para merecer o aplauso do público que o assiste. Em nome da liberdade muita coisa é feita com o intuito apenas de atrair o grande público pagante, não deixando ao seu término algo de concreto, sério, que dê ao espectador motivos, pelo menos, para pensar. Vemos em alguns desses espetáculos, apenas um texto panfletário escrito por autores ruins, que caricaram por traz de uma capa de liberdade, superam suas deficiências interpretativas.

Ainda não vimos a montagem do texto de Millôr Fernandes e Flávio Rangel, que o Grupo Opinião nos traz neste começo do ano, promissor para o teatro na Paraíba. Entretanto, lemos o texto e ouvimos um gravado, o que nos dá tranquilos quanto à sua qualidade. Podemos afirmar que a liberdade não é bem usada. Quanto aos atores que o apresentará, o nome de Paulo Autran dispensa a nossa opinião, pois, de que o assistimos interpretar "Othello". Carlos Miranda é nosso velho conhecido dos festivais promovidos por Paschoal Carlos Magno, nos quais sempre liderou a relação dos melhores atores, com interpretações magníficas em "Morte e Vida Severina" e "Edipo Rei". Terça Rachel e Luis Maranhão são nomes bastante conhecidos e aplaudidos no cenário teatral e cinematográfico do Brasil.

"Liberdade, Liberdade" nos trará nos primeiros CONCLUI NA 2ª. PAG.

A respeito da página

A cultura em João Pessoa está em franco desenvolvimento de alguns anos para cá, mormente nos setores teatral e cinematográfico, e sobretudo aqueles mais pessimistas é que dirão o contrário. O teatro em João Pessoa, depois de 1960, com as Semanas de Teatro da Paraíba, chegou muito mais do que se pensa. Teatro na Capital era uma coisa desconhecida, difícil mesmo e até enracado quando se falava em arte cênica. Não é que desamamos esquecer o passado, quando a cultura se pronunciava o tradicional "hoje na drama" no tempo da "União Teatral", de que o confrade Norberto Filadelfus guardava muitas coisas em seus arquivos. Os retrocedendo, ainda mais no tempo, quando o historiador Walfredo Rodrigues recebia as coreografias com tanto entusiasmo. Mas os tempos mudam inevitavelmente. A evolução poderá até ser trágica para os que ficam. Hoje em dia temos um teatro mais moderno no político social de vanguarda. A para "Liberdade, Liberdade" não é um marco na história do nosso teatro, dentro desse processo histórico, mas sim a primeira vez que se dá uma oficina cultural teatralizando diretamente o texto de Millôr Fernandes. Uma pequena homenagem, desloca que militam na crítica teatral de João Pessoa, mas que ainda não tinha sido estruturada a nível regional, e a respeito — Associação de Fomento Teatral da Paraíba (ACTP). Além da importância já está ficando, vaiha pouco antes de ser finalizada. Quem o Alano Carlos ARANHA ARANHA, Souto Neto, Maria Vinícius de Andrade, Eudis Cavalli, Anna Miliani, Flávia Nogueira e a Santa Carmem Rosa Filho. Para interesse, escreva mais que a presença de "Liberdade, Liberdade" realmente glorifica algo para aquelas pessoas que ficaram em matéria de teatro e cultura brasileira.



Um aspecto de "Liberdade, Liberdade", que abre com grandes esperanças a ano teatral da Paraíba, encenada hoje e amanhã no Teatro Santa Rosa, a partir das 21 horas, já com toda a casa vendida para os dois espetáculos, num esforço conjunto da direção do Santa Rosa e do Grupo Opinião. Veremos hoje Paulo Autran, Terça Rachel, Luis Maranhão e outros — texto de Millôr Fernandes e Flávio Rangel; Grupo Opinião.

A LIBERDADE DE "LIBERDADE, LIBERDADE"

MILLÔR FERNANDES

No Zicartola, Zicartola era um restaurante, situado na rua da Carioca, no Rio de Janeiro, onde se comia um angu feio pela Zica (mulher do Cartola) e se ouvia samba — Cartola, Ismael Silva, Nelson Cavalcanti, Zé Ketí e o único que não cantava e era admitido — João do Vale.

O cinema novo no Rio de Janeiro. As experiências do cinema verdade, documentários com som direto: Leon HirszWam (Maioria absoluta), Paulo César Saraceni (Integração Racial, Arnaldo Jabór (O Circo), Paulo Gil (Memória da Canção).

Teatro de rua. Ir para a rua, improvisar, escrever um esquete sobre o que está acontecendo. Dizer versos. De Zicartola, das experiências de cinema verdade, de teatro de rua, dos poetas voltando à poesia oral, surgiu o show "Opinião", primeiro espetáculo do Grupo Opinião (apresentado em São Paulo em abril do ano passado) escrito por Armando Costa, Odevaldo Viana Filho e Paulo Pontes, participantes da equipe formada (Opinião) por elementos que pacientemente acompanharam, erraram, acertaram e praticaram a evolução das mais diversas manifestações artísticas no seu processo de participação cultural, ou seja — a adaptação de suas possibilidades expressivas às tradições da cultura brasileira, às necessidades de novos conhecimentos e investigação social, às condições econômicas das atividades culturais no Brasil — podendo assim, partindo da sensibilidade social existente, elevar-se até o nível da sensibilidade social que existe potencialmente.

Intuir o nível da sensibilidade social potencial e elevar-se até ele, para o Grupo Opinião, foi a primeira condição de uma arte nacional e, por isso, universal. Arte essa que é: um ato de cultura por que ajuda a formar o espírito social, o objetivo, voltado que está para a sensibilidade e a consciência social; um ato político porque nessa arte a percepção dos estadios do espírito social objetivo suas necessidades e possibilidades é dada pelo particular movimento histórico nacional que o artista vive e um ato nacional porque além de forçar sempre novos estadios no espírito social objetivo, procura conservar nele os valores, os sentimentos que constituem sua característica nacional, que traçam profundamente a prática do povo brasileiro. O fundamento dessa arte será sua característica cultural, a procura do permanente. Mas o seu deflagrador é a sua característica de ato político; a procura do circunstancial. Serão sempre as circunstâncias, os problemas concretos que se dão ao espírito social objetivo, os motivadores do ato de cultura. Serão sempre os limites mais rigorosos da necessidade de comunicação social que impulsionarão esta arte.

Estar voltado para um determinado momento e, no mesmo tempo, procurar o permanente nesse momento, nos parece ser a forma que poderá propor sempre uma arte mais vigorosa, mais rica, mais necessária porque estará sempre no limite máximo da liberdade criadora — o artista intervindo em

si mesmo para conciliar sua necessidade de expressão individual à sua necessidade de manifestação do homem social.

Fique claro que com isso não prometemos para o teatro a exclusividade do autor nacional. Propomos, ao contrário, uma permanente absorção da cultura mundial em uma situação nacional concreta. Não, exclusividade do autor brasileiro; mas exclusividade para a cultura brasileira.

Uma arte feita nos limites da consciência social, portanto, engajada. Uma arte feita para novos limites da consciência social, portanto, livre.

Com tudo isso dito, parece que achamos que o show "Opinião" "abre Sézamo" do teatro brasileiro. Nada disso. "Opinião" é um show, nada mais. Um show na nossa opinião, porque atua no nível do show, a esses níveis, enumerados. A realidade brasileira é imensa demais para caber em um só tipo de espetáculo. Outros caminhos do teatro brasileiro não dão ênfase tão prioritária à sensibilidade política no tempo da cultura, mas a circunstância.

Muitos voltam para a formação do espírito social objetivo em aspectos importantes mas não decisivos para a cultura no país.

Muitos dão ênfase prioritária à afirmação de valores culturais absolutos, já conquistados, que precisam ser reafirmados a cada momento.

Não, firmemos como muitos fazem e fizerem e não pretendemos punir em nossa linha. Ao incluir a sensibilidade política no campo da cultura, fatalmente estamos também no campo das aproximações, das tentativas e dos equívocos. Para nós, montar Shakespeare, Goldoni, Ibsen — acabadamente ou modernamente — é contribuição efetiva à cultura do povo brasileiro; o necessário. Isto é extraordinariamente óbvio. Mas é preciso reafirmá-lo, para evitar constantes mal-entendidos que julgam que pensamos a nossa posição a única válida. Não achamos.

Ela é decorrente de outras posições, também válidas. Temos a consciência de que muitos aspectos estamos bem aquém de que já foi conquistado pelo teatro brasileiro. Não julgamos a nossa posição superior ou inferior à de quem quer que seja. E somente uma posição. Só firmemos defini-la. "Liberdade, Liberdade", nosso segundo espetáculo, concebido por Flávio Rangel e realizado conosco, cabe dentro de nossa "posição". Para nós, não.

Muitos acharão que "Liberdade, Liberdade", é excessivamente circunstancial. O ato cultural muito submetido ao ato político. Paradoxo, essa é a sua principal qualidade. Na verdade "Liberdade, Liberdade" é o espetáculo mais circunstancial da história do teatro brasileiro. É um fenômeno importante e artístico brasileiro, amadurecido, pode deixar de querer ser definitivo a cada momento, já não se preocupa com uma universalidade, abstrata e portanto, pobre. CONCLUI NA 2ª. PAG.

LITERATURA

E VIDA

Virgínia da Gama e MELO

A EDITORA SUCESSOS INTERNACIONAIS, à rua da Alfândega, 55, 3º andar, Rio, GR, publica mais um grande sucesso internacional publicado.

"L'CONTRA SOSSIA SOVIETICO" de John Gardner. O crítico teatral de Stratford — upon-Avon Herald — escreveu, em nova obra, manter o interesse desperdiçado pelo seu original personagem de "L' O ASSASSINO DE ENCOMENDA", tornando-o ainda mais atraente. A fidelidade ao caráter, que lhe imprimiu no primeiro livro da série, tornou-o, igualmente, ainda mais íntimo ao leitor que acompanha as complexas e entusiasmantes aventuras com um "espelho" prater antecipado.

Em "L'CONTRA SOSSIA SOVIETICO", Gardner evita plagiar o arquétipo da espionagem que esteve em moda, mesmo que o satirizando, porque o seu agente "L" o superou de muito com suas peculiares reações humanas.

Boyssy Oatis não se repete, continua

vivendo envolvido na trama em que caiu por erro de cálculo. Boyssy não é um superhomem satisfazendo curiosas, fáblicas quanto poética, que acabam por cansar. As aventuras do agente são envolventes, cheias de "suspense", e, entretanto, verossímilas.

A trama de Gardner em "L'CONTRA O SOSSIA SOVIETICO" é uma obra prima de ironia. Um agente de Sua Majestade Real Britânica, subornado, inocentemente, o lançamento experiente de uma arma secreta da NASA, a qual foi destinada para representá-la oficialmente, atendendo a convite especial do Pentágono.

Com esse personagem de Gardner a série de romances em que o seu gênio criador se desdobra, o romance policial adquire uma posição de alta categoria, levando o leitor da espionagem moderna a ser um das grandes fontes de inspiração desse romance novo, fantástico.

Boyssy Oatis não se repete, continua

CINEMA

Linduarte NORONHA

A Contribuição de Brooks

DAME TUAS MÃOS não deveria constar entre os melhores filmes da guerra, selecionados pela Metro. Há obras onde o trabalho de Richard Brooks não chega nem a ser um filme razoável. Nêlo, o realizador de Sementado, a Violência continua o diretor sintozado com todos os padrões criados pela vida americana. Só faltou mesmo o racismo, mas perduram algumas pláticas.

O filme trata do treinamento dos recrutas para o serviço ativo do Exército, e foi feito durante a guerra da Coreia, sob encomenda publicitária, como algumas produções de Hollywood da primeira guerra.

Todos os lugares comuns preenchem a história do clássico sargento duro (Widmark) que termina "cedendo", porque o "humano" aparece e ele bota seus complexos pra fora, dizendo que era assim porque seu pai tinha sido deserdado.

Depois há a modinha também com

placidez e o sargento "bom" (Karl Malden) e os mochos recrutados e as pláticas de caserna, tudo numas épocas em que era necessário elevar o moral dos que combatiam na Coreia. Aliás o sargento tinha sido berço para aqueles berdes.

Hoje, a PATRULHA DE BATAAN parece ser um dos melhores filmes do festival e um dos marcantes na época. Violento e audaz, é animado por dois diretores que não multam em Hollywood, Tay Garnett, ficando lá assim.

FORMOS OS SACRIFICADOS de John Ford, traz outro nome de categoria e merece a atenção especial dos estudantes e é também a contribuição do mestre do Western à guerra.

O Plan exibe O SENHOR DA GUERRA, de Frank Shaffner, filme que vai até domingo, e foi recebido pela crítica, de um modo geral.

De maneira que a semana não é das melhores em matéria de programação.

PREFIXO

F. RAMALHO

José Ricardo & "Gina"

José Ricardo, o jovem cantor romântico da RCA Victor, acertou seu primeiro sucesso desde o momento em que mudou para São Paulo: "Gina", composição de Wayne Fontana, e uma das mais destacadas músicas do I Festival Internacional da Canção, realizado no Rio. Este seu primeiro disco feito na sua fase paulista, vem se constituindo numa das gravações mais executadas na programação radiofônica das principais rádios do país, e por certo marcará uma nova etapa na carreira desse jovem cantor, depois dos espetaculares sucessos conseguidos com "O fravesseto". O homem que não sabia amar, "F" amo somente a ti" e outros. Em "Gina", José Ricardo recebe o apoio da amada Orquestra de Expósito.

The Spiffins

Cinco rapazes dinamarqueses formam o conjunto chamado The Spiffins que faz sua estreia no Brasil pela "Somafon" interpretando dois grandes sucessos internacionais nos ritmos pedidos pela jovem guarda: "Hi Lili, Hi Lo" de Kaper e Deutsch e "Water melon man", de Santat Maria.

A marca original da gravação é a Sonet (Dinamarco).

"Som Beat", o Noto Quarteto

De um tempo até nossos dias, ficou famosa o termo "Liverpool Sound", ou seja, "o som de Liverpool", que define um certo som conseguido pelos cabell

dos ingleses, para gosto do público apreciador da música jovem. Ainda que bastante limitado, o "Liverpool Sound" somente foi atingido por raríssimos conjuntos em nossa terra. Agora, a RCA Victor prepara o lançamento de um novo quarteto que apresenta o que de mais perfeito se conseguiu no gênero: o "Som Beat". O primeiro compacto desse novo quarteto deverá estar à venda em nosso comércio dentro de alguns dias, com reais possibilidades de sucesso entre os jovens cultuadores da chamada música jovem.

André Penazzi

O famoso organista André Penazzi apresenta pela SOMMAIOR um compacto duplo com quatro sambas: "Samba da minha terra", "Tema do boneco da palha", "Samba da madrugada" e "Mulata assanhada". Sucesso garantido pois faz parte da vitoriosa série de Penazzi intitulada "Orgão, samba, percussão".

Souto no Tabajara

O jornalista José Souto encontra-se à frente da emissora oficial desde ontem. Não sabemos se permanecerá ali por muito tempo ou se apenas responderá pela direção da 1-4 por alguns dias. Em longo ou curta permanência, esperamos que Souto eleve o nível cultural e artístico da Emissora Pioneira. São os nossos votos!

